

**VEREADOR MARCELO SGARBOSSA (PT) – Comunicação de**

Líder, pela oposição: Mais uma vez boa tarde a todos e todas, quero agradecer ao PSOL e ao PT por poder utilizar o espaço dos partidos formalmente de oposição, reconhecendo na atuação muitas vezes individual e muitas vezes coletiva dos outros partidos que também se colocam aqui críticos às políticas do governo Marchezan. Fazer uma saudação aqui ao nosso companheiro Gerson Almeida, ex-secretário municipal de meio ambiente, ex-vereador desta Casa,

que hoje nos prestigia, mais um cidadão e cidadã que está preocupado com esse projeto que talvez não seja votado hoje, mas que entrou na votação, na segunda-feira passada. Eu não tenho como não fazer uma analogia aqui com a presença das pessoas que estão aqui hoje e o tema da saúde do Município de Porto Alegre. Nós também aqui estamos discutindo essa possibilidade e infelizmente notamos uma maioria aqui no plenário de privatizar, sim, os espaços públicos da Cidade. E, aí, alguns vereadores dizem que estamos usando a palavra incorreta, não seria uma privatização. Sim, é verdade, é uma concessão, mas uma concessão por 35 anos, permitindo cercamento e cobrando para entrar é uma privatização, no fundo, é uma privatização. Então, não adianta nós, no debate político, dizer que não é quando de fato será, independente do nome jurídico que se utilizar. Eu aqui digo isso, secretário, porque também no tema da saúde - estive presente na manifestação lá na Lomba do Pinheiro, alguns dias atrás, a questão da terceirização da Lomba e da Bom Jesus -, também tem a ver com essa ideia, que reconhecemos, o prefeito Marchezan não tinha aberto assim, Ver. Bosco, na campanha eleitoral. Ele dizia que vinha para mudar, e como o senhor mesmo diz, ele mexe em tudo e mexe inclusive naquilo que está funcionando. E as pessoas que estão aqui nos acompanhando hoje são aquilo que acho que o Ver. Bosco se refere, estava funcionando o atendimento de professores de educação física e professores nos centros comunitários, nas praças e parques. Nisso não precisava mexer. Então, estou aqui citando a fonte de quem diz isso, reconhecendo no ver, Bosco essa ideia. A questão da saúde, é obvio que temos deficiências, deficiências de pessoal, do chamamento dos concursos, mas a questão, assim como vale para quem está aqui nos assistindo hoje, dos vários parques, dos centros comunitários, Ararigbóia, Tamandaré, Tesourinha, também vale para a saúde, ou seja, o fato de aquele profissional estar ali atendendo, o profissional da saúde ou o

profissional da educação física, conhecer as pessoas pelo nome, conhecer, no caso do serviço de saúde, o histórico de doenças da família, é isso. Aliás, a ideia dos médicos de família é justamente esta: aquele médico ou médica que consegue conhecer as pessoas com o passar do tempo, porque ele está ali, é estável, ele consegue, a todo momento, ter interlocução com as pessoas daquela comunidade, o que vai gerando uma riqueza de informações que o privado não consegue estabelecer. Por quê? Porque o privado tem alta rotatividade. A mesma empresa que hoje está atendendo em determinado lugar, num posto de saúde, numa unidade de saúde, na semana seguinte, poderá estar atendendo em outro lugar da Cidade, ou em outra cidade, outro estado, outro país. Essa volatilidade não combina com a essencialidade que é a prestação de serviço na saúde, no nosso entendimento.

Neste último minuto, eu queria trazer para aqueles que não sabem: nós estamos vivendo os momentos das pré-conferências municipais de saúde. Eu estive na Câmara quando teve a conferência desta região aqui. Neste plenário, havia um grupo de 70, 80 pessoas; no plenarinho Ana Terra, havia gente; duas salas de comissão estavam praticamente lotadas de pessoas contribuindo e querendo participar dos destinos da saúde da nossa Cidade. Isso se tratando de uma das pré-conferências. Semana passada, teve, na região da Cruzeiro-Cristal, uma outra grande pré-conferência. Eu estou fazendo este alerta para dizer que, hoje, tratar Porto Alegre sem esse canal de participação direta... Vejam, nós temos a sorte de ter uma cidade que quer participação, isso facilita o papel do gestor, porque ele consegue entender as demandas, e há um acúmulo de pessoas que há anos trabalham no tema.

Por último, também temos uma institucionalidade formal, que é o Conselho Municipal de Saúde. Nós sabemos que o governo Marchezan ataca os conselhos como um todo e, também, o Conselho Municipal de Saúde, onde houve briga judicial para que os conselheiros tomassem posse. Então, secretário, eu pediria que ouvissem o Conselho Municipal de Saúde. Eu estive em algumas reuniões, há um grande acúmulo de experiência, de *know-how* das pessoas que estão ali e que querem o bem da Cidade. Não são, como dizem aqui, ligados – alguns podem até ser e têm todo o direito – a partidos políticos, mas estão ali pessoas que querem contribuir e têm acúmulo para isso. Ouvi-los é fundamental, esse é o pedido que faço no final da minha fala. Obrigado.

(Texto sem revisão final.)